

**Coordenação:**

Dr. Héctor Ricardo Leis

**Vice-Coordenação:**

Dr. Selvino J. Assmann

**Secretaria:**

Liana Bergmann

**Editores Assistentes:**

Doutoranda Marlene Tamanini

Doutoranda Sandra Makowiecky

Doutorando Sérgio Luiz Pereira da Silva

Doutorando Fernando Oliveira Noal

Linha de Pesquisa

TEORIAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE A MODERNIDADE

SÉRGIO LUÍS P. SILVA

**RAZÃO INSTRUMENTAL E RAZÃO COMUNICATIVA:**

**um ensaio sobre duas sociologias da racionalidade**

N. 18 – maio – 2001

**Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**

A coleção destina-se à divulgação de textos em discussão no PPGICH. A circulação é limitada, sendo proibida a reprodução da íntegra ou parte do texto sem o prévio consentimento do autor e do programa.

**RAZÃO INSTRUMENTAL E RAZÃO COMUNICATIVA:  
um ensaio sobre duas sociologias da racionalidade**

SÉRGIO LUÍS P. SILVA \*

**RESUMO**

Este ensaio busca uma reflexão sobre a Razão instrumental e a Razão Comunicativa, como um contraponto sociológico entre Weber e Habermas dentro do aspecto de análise da racionalidade no mundo ocidental. Para tanto, iniciamos este ensaio com “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” que escolhemos como uma obra que exprime o fenômeno da “racionalidade instrumental” e “ação social” como elementos compreensivos de análise sociológica do mundo moderno. Posteriormente introduziremos a “Razão Comunicativa” como crítica da racionalidade instrumental com base na idéia de “ação dialógica” da modernidade.

**PALAVRAS CHAVE:** Racionalidade, Modernidade, Instrumentalidade, Ação Comunicativa, Teoria Crítica.

---

Nota sobre o autor:

\* O autor é sociólogo e doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas-UFSC

## **RAZÃO INSTRUMENTAL E RAZÃO COMUNICATIVA: um ensaio sobre duas sociologias da racionalidade**

### **1. Considerações Introdutórias**

Iniciamos nossa reflexão com o aspecto conceitual da racionalidade em Max Weber o qual define a racionalidade do mundo ocidental fundamentado na justificativa dos fins pela ação dos meios, em que as ações sociais dos indivíduos são mediadas por algum tipo de interesse com um sentido subjetivo(1992). A partir de tal questão, fundamenta-se os elementos de um racionalismo instrumental, sob um aspecto utilitarista, no qual os meios estão justificados na busca de determinados fins, fundamentados pela individualização da ação social. Na definição dos conceitos de ação e razão em Weber, a configuração de racionalidade moderna ocidental se fundamenta como exemplo de análise. Isso se dá, porque na lógica moderna da sociedade o utilitarismo racional, econômico e político estrutura a conduta dos indivíduos em suas ações sociais. Como é possível perceber na análise sociológica de Weber sobre a sociedade, a religião e a economia em que a “Razão”, a “Ação” e a “Técnica” são apresentadas como fenômenos compreensivos de sua sociologia historicista.

### **2. A SOCIOLOGIA DA RACIONALIDADE “ECONÔMICO-RELIGIOSA” DO MUNDO MODERNO: utilitarismo e instrumentalidade**

Em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, o aspecto do pragmatismo ocidental associado a uma ética religiosa foi representado por Weber como um sistema civilizatório. A racionalidade que se desenvolvia não se limitava ao campo meramente econômico e alcançava o campo político social e cultural a partir de uma ética e moral próprias. Dentro desse aspecto, Weber tem uma preocupação com o processo de racionalidade que se constituiu entre os séculos XVI e XVIII na Europa com base no aspecto da institucionalização e da ação racional como conjuntura estrutural da sociedade ocidental. Na medida em que optamos por Weber para a composição de indícios sociológicos da razão instrumental será necessário verificar de forma sucinta a concepção de racionalidade ocidental associada a um sistema econômico e a religião.

Na sociologia Weberiana têm-se uma concepção de civilização ocidental que caracteriza-se como gestora de fenômenos culturais universalizados. O desenvolvimento e reconhecimento da ciência como validade hegemônica de conhecimento é prova e exemplo que poderia ser citado para justificar tal afirmação. Mas esse fato peculiar da sociedade ocidental não invalida a racionalidade de outras culturas constituídas na história visto que a racionalidade é um conceito que engloba uma diversidade de componentes peculiares a cada uma das diferentes culturas como as das sociedades orientais, por exemplo. Dentro desse contexto, a civilização ocidental trouxe imanente ao seu desenvolvimento uma racionalidade técnica e administrativamente burocrática, constituindo um fenômeno peculiar em sua formação.

Dentro dessa concepção o capitalismo é um dos fatores de maior significação na constituição do desenvolvimento ocidental que ocorre da forma mais racionalizada possível, na lógica da modernidade. Isso é importante para que se possa perceber a

forma como Weber analisa o capitalismo ocidental como um fenômeno do racionalismo hegemônico.

Para Weber, o espírito capitalista era na verdade um processo civilizatório presente na História antes mesmo do desenvolvimento capitalista ocidental. Porém, é apenas com o capitalismo moderno ocidental que se pode perceber uma lógica racional ordenada e um direito formal e normativo, que constitui de forma sistemática a estruturação e o desenvolvimento dessa nova lógica de lucro acumulativo.

Dentro da ótica da ocidentalidade é necessário também analisar a concepção racional do trabalho que Weber estudou a luz de uma ética religiosa associando-o a idéia de vocação. A partir da concepção de vocação e trabalho como categorias sociológicas de análise é possível entender a convergência harmônica entre a ascese puritana, fundamentada numa ética protestante, e a ordem econômica capitalista que se desenvolvem culturalmente no mundo ocidental. No centro dessa lógica cultural, o “trabalho” é fundamentado como o sentido da existência do homem, aplicado indiscriminadamente a todas as categorias dos indivíduos. Ou seja, o homem está ligado direta e intensamente na sua relação com o trabalho em suas ocupações especializadas, possibilitando assim uma produção tanto qualitativa quanto quantitativa nas relações sociais de produção, o que caracteriza nesse sentido um trabalho racionalizado que torna compatível tempo e produção qualificada, associados a lucratividade e acumulação.

É óbvio que esse pequeno comentário é também um pequeno exemplo escolhido para que se possa fazer menção à concepção da racionalidade instrumental na sociologia weberiana.

Nessa visão de racionalidade utilitária, há uma ligação entre razão mágica religiosa e razão objetiva no mundo das relações sociais. Dentro dessa lógica, a ética do comportamento dos sujeitos parece definir-se em primeiro lugar na suposição primordial da relação dos sujeitos. Sobre esse aspecto, é possível argumentar que a característica da racionalidade da vida protestante, com base no trabalho intenso privando o homem do pecado do prazer, é uma espécie de motor de produção do desenvolvimento inicial do espírito do capitalismo moderno. Mas em nenhum momento é possível afirmar que uma ética religiosa é o que determina ou mesmo gera o sistema capitalista, enquanto sistema civilizatório, como se este necessitasse diretamente de práticas morais ou de uma racionalidade religiosa para poder se estabelecer como modus de vida econômico da sociedade moderna.

Dentro do aspecto da racionalidade, até aqui discutido, a lógica ocidental é de fundamental importância para o desenvolvimento desse sistema por ser o instrumento que determina tal ordenação com características formais, baseado no conceito de burocratização e administração com aspecto hegemônico, que definiria peculiarmente o ocidente moderno, como parte do mundo que cresceu a partir de um ordenamento econômico e administrativo mediante uma racionalidade instrumental e hegemônica que se constituiu como razão última.

Nesse contexto, o logos da ação social é fundamentado pelo seu aspecto racional. O utilitarismo instrumental racional perpassa de forma objetiva a constituição da esfera pública (o Estado) em seus aspectos racionais burocráticos e administrativos, e a esfera do mundo privado ambientes mediados pelo conhecimento técnico e racional orientador das condutas e ações dos indivíduos. Esse aspecto de racionalidade que se desenvolve na sociedade ocidental contextualiza a relação entre “indivíduo” e “estrutura” dentro da chamada “jaula de ferro” da razão. Aspecto esse que o próprio Weber enxerga de forma pessimista no que diz respeito ao desenvolvimento dos processos sociais no futuro.

É na crítica do ethos dessa instrumentalidade racional que a Razão Comunicativa tenta se estabelecer como teoria crítica das relações sociais fundada no processo das relações sociais.

### **3. HABERMAS E A RAZÃO COMUNICATIVA COMO CRÍTICA DA INSTRUMENTALIDADE RACIONAL**

Se Weber mostra o quanto a operacionalidade da razão se fundamenta como logos instrumental do mundo moderno em todos os seus aspectos, Habermas busca constituir uma forma de reflexão crítica sobre tal instrumentalidade racional como forma de emancipação social.

Habermas desenvolve na Teoria da Ação Comunicativa uma análise teórica e epistêmica da racionalidade como sistema operante da sociedade, nesse sentido, deve-se analisar sua tese como contraposição da razão instrumental. Na idéia de mundo da vida, Habermas mostra a racionalidade dos indivíduos mediado pela linguagem e comunicatividade. Esses elementos se constituem em instrumentos de construção racional dos sujeitos calcado na estruturação de três universos: o objetivo, subjetivo e social.

É na esfera do universo da relação dos sujeitos que Habermas parte de sua concepção ontológica para a construção da racionalidade.

Na Teoria da Ação Comunicativa o tema racionalidade das opiniões e das ações é tratado sobre um prisma filosófico e sociológico, a razão é a base do estudo da filosofia. Os gregos da antiguidade, quando estudam a própria razão, fundamentam-se numa base social ontológica a partir do que poderíamos chamar de um discurso comunicativo.

Na definição mais precisa sobre essa ontologia social, Hannah Arendt (1989) afirma que a existência humana na medida em que se empenha ativamente em fazer algo, tem raízes no mundo de homens ou de coisas feitas por homens. O homem pensa e produz em relação constante com outros homens, jamais fora desse circuito social. E é na órbita da construção política feita por homens reais no mundo real que segundo Habermas, a racionalidade comunicativa se estabelece como instrumento de consenso social da realidade.

Sendo assim, o que a ação comunicativa busca explorar é uma sociologia do mundo da relação dos sujeitos, ou seja, uma sociologia da ação comunicativa em que o universo subjetivo, a ação política e a racionalidade dos indivíduos se constituem em elementos estruturados de formação e revitalização da esfera pública na busca da emancipação social.

Habermas fundamenta a reabilitação da esfera social, com base na idéia orientações dialógicas das ações sociais e, dessa forma isso não poderia ser feito de modo coercitivo ou meramente instrumental, mas por uma postura dialógica, compreensiva e democrática na órbita de um consenso comunicativo, que nesse sentido deveria ser construído dentro das relações sociais em função das racionalidades das ações. De forma muito introdutória isso é o início da racionalidade comunicativa, ou pelo menos, um caminho anterior que pode nos levar a ela.

Para fundamentar seus pressupostos teóricos Habermas busca na “Razão” dois fundamentos que darão suporte a sua teoria: comunicatividade e mundo da vida e com isso ele estabelece o seu conceito de racionalidade.

Como poderíamos conceituar a racionalidade comunicativa, qual defende Habermas? Este filósofo tenta abranger as várias manifestações de razão dos indivíduos em todo seu aspecto, na relação com o mundo, tanto nas ações diretas do relacionamento do homem com a sociedade de uma forma geral, quanto nas expressões simbólicas que intermediam a relação do sujeito com o mundo onde ele vive.

Na concepção habermasiana a ação racional é concebida a partir da conceituação relacional entre ação, crítica e fundamentação, ou seja, uma relação de três pressupostos que abrange de forma complementar um novo conceito de racionalidade em que a razão e a fundamentação é intermediada pelo senso crítico necessário. Na verdade esse tipo de conceito serve como crítica da racionalidade que fundamenta nas realizações individuais que foi anteriormente posto como instrumentalidade da razão moderna.

A racionalidade comunicativa serve para uma ampliação compreensiva que dê conta de outras formas de expressividades do agente comunicativo que não se limita apenas a formalidade normativa da ação. Essa idéia está relacionada ao que Habermas chama de conquista de conhecimento. Ele afirma que a racionalidade esta mais próxima da forma como se adquire o conhecimento, ou seja, da forma perceptiva dos sujeitos na busca do saber, do que da posse do conhecimento deste. Dentro desse contexto, Habermas afirma que o conteúdo do universo racional existe em duas situações: primeiro na relação dos sujeitos que possuem um conhecimento falível; e segundo nas expressões simbólicas que dá forma ao conhecimento.

A forma da racionalidade expressada tem sua afirmação na relação sistêmica entre a semântica, o pressuposto de validade e as razões sobre o qual os sujeitos se baseiam para as afirmações de verdade na eficiência das ações. É dentro desse processo de relação dos sujeitos, que via instrumento cognitivo, as verdades relativizadas ou o pressuposto de validade se constrói e com isso novas formas de racionalidades transcendem a um pressuposto de razão ou verdade únicas. Como afirma Habermas:

"Uma expressão satisfaz a pré-condição de racionalidade, se e na medida em que corporifica conhecimento falível e, portanto, tem uma relação com o mundo objetivo (isto é, uma relação com os fatos) e está aberta ao julgamento objetivo"<sup>1</sup>.

Esta questão esta centrada na pré-suposição da comunicabilidade consensual, o que é básico no conceito de racionalidade em Habermas, qual os atos de fala locucionários, ilocucionários e perlocucionários, na definição de Austin (Habermas,1988), são utilizados em sua análise. Na definição desses tipos de expressões, os atos locucionários são os que por seu intermédio os sujeitos, na ação expressiva da fala, comunicam algo demonstrando um estado de coisas, situado dentro de um aspecto descritivo; os atos ilocucionários são os que, os sujeitos agem enquanto forma de realização, quando comunicam algo; e por fim os atos perlocucionários, são os que os sujeitos ao falar, causam um certo efeito sobre os ouvintes.

Estas definições servem para Habermas no sentido de mostrar as intenções da comunicatividade, por parte dos sujeitos, definições essas que estão além do aspecto semântico e lingüístico das expressões, que são executadas no mundo-da-vida, fundamentadas num pressuposto de validade.

Nas duas últimas definições dos atos de fala, percebe-se de forma denotativa o aspecto dessas questões com uma certa proximidade das questões comunicativa e teleológica.

---

<sup>1</sup> Habermas,1984. p.09.

Na questão dos atos ilocutionários os sujeitos, enquanto agentes comunicativos, atuam dentro de um aspecto relacional explicativo entre agentes que vai além do entendimento, ou seja, a subjetividade comunicativa expressa por si uma relação entre comunicação e interpretação no plano do entendimento e consenso entre as partes, dentro de uma racionalidade que torna válido o ato comunicativo a partir do pressuposto de validade das ações racionais no mundo da vida.

Na questão do ato perlocutionário o aspecto teleológico, ou seja, o ato e sua finalidade objetiva, o agente caracteriza instrumentalmente sua ação, causando assim seus efeitos necessários. Nesse sentido, os atos perlocutionários existem dentro de um contexto estratégico de ação.

Com isso podemos perceber o teor valorativo do consenso dentro da Teoria da Ação Comunicativa em que a ação é dialógica e participativa no plano da interatividade.

Habermas expõe compactamente uma definição da racionalidade pela comunicatividade:

“ (...) podemos dizer que as ações reguladas normativamente, as auto-apresentações expressivas, e também as expressões valorativas suplementam os atos de fala constativos na constituição de uma prática comunicativa que, contra um pano de fundo de um mundo-da-vida, é orientada para alcançar, sustentar e renovar o consenso - e, na verdade, um consenso que se baseia no reconhecimento intersubjetivo de pretensões de validades criticáveis. A racionalidade inerente a esta prática é mostrada no fato de que um acordo alcançado comunicativamente deve ser baseado no final em razões. E a racionalidade daqueles que participam dessa prática comunicativa é determinada pelo fato de que, se necessário, podem, sob circunstâncias convenientes, fornecer razões para suas expressões”<sup>2</sup>.

Visto que essa concepção de racionalidade acontece dentro de um processo de relacionamento dos sujeitos no mundo-da-vida, convém também definir de forma analítica o conceito de mundo-da-vida nessa teoria e com isso mostrar o chão social e o universo cotidiano sob o qual nasce essa idéia.

O conceito de mundo-da-vida, na teoria de Habermas, é uma separação dos três aspectos do universo da existência do mundo dos sujeitos, que como resultado da fragmentação desse universo, temos um mundo objetivo, um mundo social e um mundo subjetivo como afirmamos no início.

Todos eles referem-se a totalizações diferentes que abarcam desde o processo de relação formal entre sujeito e instituições formais constituídas até as experiências cognitivas adquiridas pelo sujeito no processo cotidiano de suas relações sociais.

Dentro desse contexto, o mundo-da-vida é, em primeira instância, essa relação tri-partidária que resulta em um mundo objetivo, qual representa-se pela totalização das entidades na sociedade, onde esse mundo goza de uma base ontológica que necessariamente os indivíduos se defrontam em suas ações. Este mundo objetivo está exteriorizado aos indivíduos e, suas relações socialmente construídas situam-se dentro de um aspecto formal. Como afirmamos anteriormente, este mundo formalmente constituído representa a relação (indivíduos - instituições) intermediada por ações lingüísticas e racionais.

Conceitadamente, este é o cenário ontológico do ser social. Mesmo que esse mundo legitime-se enquanto ambiente ontológico que é intermediado pela ação da linguagem, como veículo de mediação, a própria linguagem não fundamenta elementos que por si (pura e simplesmente) possam se fazer uso na interpretação do universo formal que é construído nessa relação.

---

<sup>2</sup> Habermas.1984. pp.17.

Em segunda instância, temos o mundo social. Esta segunda divisão do universo do mundo da vida totaliza o processo de relações sociais interpessoalizadas na vida dos sujeitos. O ambiente cotidiano é o local onde podemos definir a existência desse mundo, pois é nele onde os sujeitos vivem e se relacionam comunicativamente, constituindo novos valores e novas verdades, verdades essas determinadas a partir do processo social de construção da realidade.

Neste contexto, três pontos são fundamentais para a compreensão de Habermas: a realidade da vida cotidiana, a interação social na vida cotidiana e a linguagem e o conhecimento na vida cotidiana. Estes elementos estão compostos na análise de Berger e Lukman (1966) em “A Construção Social da Realidade” que Habermas se utiliza como contribuição para a Teoria da Ação Comunicativa.

Nesse sentido o que é socialmente verdadeiro é socialmente processado pelos sujeitos e legitimamente expressado de forma interpretativa por eles na cotidianidade, por isso, esse mundo-social é fundamentado pelo conteúdo das relações, nas quais o pressuposto de verdade, a partir da interação dos indivíduos pelos atos comunicativos, é construído com a base legítima das ações, pela visão de mundo expressada na busca de uma razão consensual, através de atos ilocutionários.

Por fim temos o mundo subjetivo, que encerra a conceituação e classificação do mundo-da-vida. Se os dois primeiros conceitos expostos acima estão situados no universo externo da vida dos indivíduos (e são articulados política e ontologicamente), o mundo subjetivo apresenta-se como universo interno dos sujeitos, onde nele se totalizam as experiências vivenciadas e transformadas em conhecimento subjetivo, que é reconhecidamente válido e necessário para exteriorizar a ação e a razão no aspecto comunicativo.

O que é importante, como resultado dessa separação classificatória, é fazer com que se possa entender a explicação conceitual delas, porém é fundamental entender o processo de desenvolvimento dos três mundos, que acabamos de discutir, sob uma ótica integral processando-se num todo que é o mundo-da-vida.

Definido o aspecto estrutural da idéia de Habermas, é a partir de tal estrutura teórica que percebemos a importância dessa teoria como um possível novo paradigma, como afirma Sérgio Paulo Rouanet (1987), no campo da investigação sociológica, pois é com base nessa teoria que os teóricos podem interpretar, com uma certa proximidade, o conteúdo do processo das relações sociais e da mudança que, sobre tal interpretação, são socialmente construída na interação dos sujeitos dentro do processo de relação sociais.

No contexto de tal afirmativa, convém juntar esforços para perceber, sobre o aspecto de análise, a Teoria da Ação Comunicativa, como uma forma diferente de análise e compressão social em relação a razão instrumental pois, segundo ele, a perspectiva instrumental mostra-se como reducionismo da racionalidade na sua dimensão estratégica.

#### **4. considerações finais**

A crise da razão tão discutida hoje, no campo das ciências humanas, demonstra um mal-estar no campo do conhecimento, da ética e da moral. Diante desse contexto, enfatizamos nesse pequeno ensaio a indicação sociológica de elementos da análise sobre a racionalidade que procuramos discutir por um lado com a constituição cultural de uma racionalidade nos moldes instrumentais e por outro com a ruptura quanto a esse conceito de razão.



A questão relevante não é mostrar a dinâmica do aspecto instrumental da razão como vilã da modernidade ou mostrar a ação comunicativa como solução dos problemas da razão mas, mostrar uma ruptura paradigmática no contexto da racionalidade como forma de pensar sociologicamente a razão e a ação social na indicação de outros caminhos de análise que se caracterizam como modernos num contexto Pós-Moderno de fragmentação da razão.

Nesse sentido, a sociologia weberiana indica-nos o caminho sem saída que a racionalidade moderna reserva para a sociedade, enquanto Habermas tenta construir uma narrativa teórica como emancipação social da razão a partir de um discurso sócio-filosófico para a modernidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. **Razão Comunicativa e Teoria Social Crítica em Jurgen Habermas**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1992.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1989.
- BERGER, P., LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis. Vozes. 8a. ed., 1990.
- FREITAG, B. **A Questão da Moralidade: Da Razão Prática à Ética Discursiva de Habermas**. Brasília, UNB. Série Sociologia, n. 80, 1991.
- HABERMAS, J. **Teoria de La Acción Comunicativa. Racionalidad de La Acción y Racionalización Social**. Madrid, Taurus. Tomo I, 1988.
- HABERMAS, J., ROUANET, S. P. **Habermas 60 Anos**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989.
- HORKHEIMER, M. **La Crítica de La Razón Instrumental**. Buenos Aires, SUR, 1973.
- MOTA, R. M. C. **Notas para a Leitura de A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Recife, Pimes Comunicações, n. 10, Universidade Federal de Pernambuco, 1975.
- ROUANET, S. P. **As Razões do Iluminismo**. São Paulo Cia. das Letras, 1987.
- WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro, Guanabara, 5a. ed., 1982.
- \_\_\_\_\_. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo, Pioneira, 5a. ed., 1987.